

DO MEDO À AÇÃO SUBLIME: A FEMINILIDADE E A SUBLIMAÇÃO EM FREUD E LACAN

*Carlos Eduardo Rodrigues**

*Wilson Camilo Chaves***

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar as possíveis interconexões entre a sublimação e o feminino, abordando esses conceitos a partir de uma análise psicanalítica. Através de uma pesquisa bibliográfica criteriosa, realizamos uma leitura seletiva, reflexiva e interpretativa dos principais textos psicanalíticos, investigando os impactos da diferença sexual, ao longo da história e as definições freudianas que moldaram esse debate. Analisamos o processo do “tornar-se mulher” sob a ótica psicanalítica e, em seguida, discutimos o conceito de sublimação, destacando as contribuições de Lacan que aproximam a sublimação do feminino. Por fim, propomos que a feminilidade não se enquadra no campo da beleza tradicional, mas no campo do sublime. Concluímos que a sublimação representa a capacidade, ou o ato sublime, de lidar de maneira positiva com o desamparo e a feminilidade, ambos intimamente ligados à imperfeição que desafia e define a condição humana, estando na base da subjetividade.

Palavras-chave: Sublimação, feminino, diferença sexual, ação sublime, desamparo.

* Psicanalista, Psicólogo Clínico. Professor de Psicologia da UNIFOR-MG. Especialista em Gestão de RH, Mestre e Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

** Doutor em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - SP). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (NUPEP-DPSIC-UFSJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSJ.

FROM FEAR TO SUBLIME ACTION: FEMININITY AND SUBLIMATION IN FREUD AND LACAN

ABSTRACT

This article aims to investigate the possibilities of relation between the concepts of sublimation and the feminine. For this, we used the bibliographic research method, through the selective, reflexive and interpretative reading procedure, we sought to understand, in the psychoanalytic texts about the impacts of sexual difference, beginning from a historical way until it reaches Freudian definitions about this topic, as well as the effects of sexual difference. We also discussed the path of becoming a woman from the psychoanalytic perspective. Then, we approach the elaborations on the concept of sublimation until the approach Lacan makes of sublimation with the woman. Finally, we analyze the possible relationships between the feminine, and femininity with sublimation, and we propose that femininity is not in the field of beauty, but in the field of the sublime. We conclude that sublimation is the ability, or sublime act, to deal positively with helplessness and femininity, both linked to the imperfection that scares humanity so much, but which are at the origin of subjectivity.

Keywords: Sublimation, feminine, sexual difference, sublime action, helplessness.

DEL MIEDO A LA ACCIÓN SUBLIME: FEMINIDAD Y SUBLIMACIÓN EN FREUD Y LACAN

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar las posibilidades de relación entre los conceptos de sublimación y lo femenino. Para ello, utilizamos el método de investigación bibliográfica, a través del procedimiento de lectura selectiva, reflexiva e interpretativa, buscamos comprender en los textos psicoanalíticos, sobre los impactos de la diferencia sexual, partiendo de un camino histórico hasta llegar a definiciones freudianas sobre este tema, bien como los efectos de la diferencia sexual. También discutimos el camino de convertirse en mujer en la perspectiva psicoanalítica. Luego, nos acercamos las elaboraciones sobre el concepto de sublimación hasta llegar a las proposiciones hechas por Lacan acercando la sublimación a la mujer. Finalmente, analizamos las posibles relaciones entre lo femenino y la feminidad con la sublimación y planteamos que la feminidad no está en el campo de la belleza, sino en el campo de lo sublime. Concluimos que la

sublimación es la capacidad, o acto sublime, de lidiar positivamente con el desamparo y la feminidad, ambos ligados a la imperfección que tanto asusta a la humanidad, pero que están en el origen de la subjetividad.

Palabras clave: Sublimación, femenino, diferencia sexual, acción sublime, impotencia.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de uma investigação teórica fundamentada no referencial psicanalítico, abordando as complexas interrelações entre feminilidade, sexualidade e sublimação. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, que, conforme definido por Lima e Miotto (2007), transcende uma simples revisão da literatura. Trata-se de um conjunto de procedimentos sistematizados, projetados para resolver questões específicas relacionadas ao objeto de estudo, garantindo que a abordagem seja direcionada e não aleatória. Seguindo as diretrizes desses autores, realizamos leituras sucessivas do material selecionado, aplicando um processo de análise seletiva, reflexiva e interpretativa para uma compreensão mais aprofundada do tema.

Nessa perspectiva, o objetivo desta investigação é explorar a articulação entre o feminino e o conceito de sublimação, dois pilares que permeiam a obra freudiana, especialmente na construção da sexualidade, um tema central no pensamento do fundador da psicanálise. Com essa proposta, pretendemos oferecer novas elucidações sobre o feminino, a sublimação e a sexualidade. A fim de desenvolver essas questões, é crucial considerar os desdobramentos históricos e teóricos da diferença sexual, analisando como o feminino foi se inscrevendo ao longo do tempo. Este percurso culmina na elaboração do conceito de sublimação, estreitamente vinculado ao feminino, e busca responder à questão central deste artigo: qual é a relação entre sublimação e feminilidade?

A discussão sobre a diferença sexual, relativamente recente, revela que, até o século XVIII, o masculino era a referência reguladora do sexo, e o feminino permanecia à margem dos discursos e estudos. Com os avanços nos estudos fisiológicos e biológicos, a diferença entre os sexos começou a ser vista como algo estritamente biológico, consolidando o paradigma do sexo único, no qual o masculino era considerado o modelo

de perfeição, enquanto o feminino era percebido como imperfeito, com potencial para se tornar perfeito.

A concepção de sublimação, inicialmente vista como um destino nobre da pulsão sexual, evoluiu ao longo do tempo. Em Freud, ela é entendida como a capacidade de canalizar a energia da pulsão sexual para fins socialmente reconhecidos, enquanto Lacan a redefine como a elevação de um objeto à dignidade da Coisa, dando forma ao vazio que expõe o desamparo humano. A partir do amor cortês, Lacan aproxima a sublimação da feminilidade, propondo novas formas de compreender essa relação, que serão exploradas ao longo deste artigo.

COMPLEXO DE ÉDIPLO E A DIFERENÇA SEXUAL: UMA ANÁLISE FREUDIANA DA FEMINILIDADE

Freud, entre 1924 e 1932, escreve alguns textos que abordam a questão da feminilidade. Em 1924, o autor aborda as questões da sexualidade tendo como referência a sexualidade do menino. Nesse texto, o psicanalista aponta que “o complexo de Édipo sucumbe à ameaça de castração” (Freud, 1924/2019, p. 252), mas isso é o que acontece com o menino, portanto, ele se questiona como aconteceria tal processo com a menina, uma vez que o sexo feminino também passa pelo desenvolvimento do Édipo.

Vemos que, nesse momento, já existia a discussão acerca da diferença anatômica, razão pela qual a menina se depara com a sua castração vivenciada como fato consumado. A menina renuncia ao falo, mas busca uma compensação dirigindo-se ao pai, assim, num processo simbólico, ela desliza “do pênis para o bebê; seu complexo de Édipo culmina no desejo, mantido por muito tempo, de receber um filho do pai como presente, de lhe dar um filho” (Freud, 1924/2019, p. 253). Pelo fato de esse desejo nunca se realizar, o Édipo feminino é abandonado lentamente, mantendo tais desejos no inconsciente, o de ter o pênis e o de ter um filho, eles “ajudam a preparar o ser feminino para seu futuro papel sexual” (p. 253). Nesse mesmo texto, Freud deixa claro que há uma insatisfatória compreensão do desenvolvimento do Édipo na menina, admitindo uma lacuna sobre tal conhecimento.

Em 1925, Freud destacou que, ao estudar a vida sexual das crianças, focou principalmente no sexo masculino como objeto de análise. Ao abordar o complexo de Édipo, é comum encontrarmos o menino no centro dessa configuração psíquica. No caso das meninas, embora Freud reconhecesse que elas passavam por um processo semelhante, ele identificou uma diferença crucial: a castração. Dado que, ao se deparar com a castração, enquanto o menino sai do Édipo, a menina entra no complexo nesse momento. Freud, no entanto, não detalha em sua obra a ocasião exata em que a menina sai do Édipo, o que marca uma lacuna importante em sua teoria. Para ambos, menino e menina, na vivência do Édipo, o primeiro objeto de amor é a mãe, que será abandonado pelo menino quando ele perceber o olhar da mãe direcionado para o pai. A menina abandona a mãe, objeto do mesmo sexo, e se endereça ao pai, sexo oposto, tomando-o como objeto de amor, podendo também se identificar com ele, visto que, na descoberta da diferença anatômica, a menina percebe que não tem o pênis, não tem porque sua mãe não lhe deu, pois também não tinha. Aparentemente, assim como para o menino, o desejo da mãe se localiza no pai, por isso, a menina se aproxima dele com a intenção de obter o falo, ou de ter um filho do pai, filho que ocuparia o lugar de falo. Logo, não abandona com facilidade o desejo de possuir um pênis.

Quando o menino se depara com a ausência do pênis na menina e principalmente quando descobre que sua mãe não o tem, fica indeciso e sem ação, ele recusa tal falta, o que trará consequências frente à ameaça de castração, que dá significado à privação do pênis nas mulheres e despertará, no menino, afetos terríveis, como o medo de perder o seu. Com a menina, a assimilação é rápida e a decisão do que fazer quanto a isso também, num “instante ela está preparada para o seu julgamento e sua decisão. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (Freud, 1925/2019, p. 264).

Desta feita, a “inveja do pênis”, bastante criticada, entra em cena como uma manifestação da diferença anatômica discutida por Freud em 1925. Consequência disso é que a menina se afasta da mãe, que é vista como responsável por tê-la colocado no mundo sem o ornamento fálico chamado pênis. Dessa inveja, também decorre uma repulsa à masturbação, prática que, naquela época, era considerada masculina. Por isso, parece que o abandono da masturbação clitoridiana seria uma

condição para o desenvolvimento da feminilidade. A menina sofre uma espécie de ferida narcísica por não se equiparar aos meninos quanto a “ter o pênis”; diante dessa constatação diferencial da anatomia entre homens e mulheres, ela é impelida a se afastar da masculinidade para que possa trilhar seus caminhos em direção à sua feminilidade (Freud, 1925/2019).

As implicações teóricas da “inveja do pênis” e da diferença sexual são centrais para a compreensão da feminilidade na psicanálise freudiana. Freud postula que essa “inveja” não é apenas um desejo de ter o órgão masculino, mas também uma experiência fundamental que molda a subjetividade feminina, marcando a transição do desejo pela mãe para a identificação com o pai e a busca do falo simbólico. Essa dinâmica é crucial para a construção da feminilidade, que se define em grande parte pela internalização dessa falta e pela subseqüente orientação do desejo e da identidade feminina. Assim, a “inveja do pênis” e a diferença sexual não apenas diferenciam meninos e meninas, mas também estabelecem as bases para o desenvolvimento das estruturas psíquicas que sustentam as identidades de gênero, demonstrando a complexidade e profundidade das construções teóricas freudianas.

Embora Freud reconheça as diferenças e características específicas no desenvolvimento psíquico de homens e mulheres, bem como os efeitos da percepção infantil de que meninos e meninas são anatomicamente distintos, ele não se submete às pressões de alguns defensores do feminismo que buscam uma equalização entre os sexos. Freud deixa claro que é impossível definir algo tão complexo, argumentando que, devido à constituição bissexual e à herança cruzada dos seres humanos, todos possuem características tanto masculinas quanto femininas, tornando as noções de pura masculinidade e pura feminilidade construções teóricas de conteúdo incerto (Freud, 1925/2019).

DESSENDANDO O ‘CONTINENTE OSCURO’: A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE FREUDIANA

O feminino perpassa toda a obra freudiana, muitas vezes, articulado a outros elementos. Roudinesco (2016) aponta que grande parte das pessoas atendidas por Freud eram mulheres, o que, hipoteticamente falando, dar-lhe-ia mais condições de investigação sobre a questão do feminino.

Entretanto, isso não necessariamente resultou em esclarecimentos definitivos. Ao contrário, revelou que o feminino constitui um campo de investigação complexo, sobre o qual só alcançamos um saber parcial, ou seja, *não todo*, como Lacan (1972-1973/2008) posteriormente assinalou.

Apesar de Freud ter sido ousado em suas discussões sobre a sexualidade, defendendo, por exemplo, a existência da sexualidade infantil e sua relação com as neuroses, ele não estava imune às influências ideológicas, culturais e políticas de sua época. Durante a “Era Vitoriana”, um período marcado por forte repressão sexual, Freud desenvolveu a noção de sublimação como uma saída para tal repressão, apresentando-a como uma forma de canalizar a energia sexual para realizações socialmente reconhecidas.

Mesmo tendo atendido inúmeras pacientes mulheres, Freud mostrou muitas hesitações em relação ao que ele chamava de “continente obscuro” da feminilidade. Em 1905, ele escreveu que somente a vida sexual dos homens havia se tornado acessível à investigação psicanalítica, enquanto a das mulheres, “em parte por causa da atrofia cultural, em parte por sua discrição e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável” (Freud, 1905/2006a, p. 143). Essa declaração de Freud pode ser reinterpretada hoje à luz das questões contemporâneas como o machismo, a violência contra a mulher e o feminicídio, evidenciando o quanto a feminilidade ainda é um terreno desafiador para o conhecimento.

É interessante notar que Freud menciona uma “atrofia cultural”, referindo-se a uma incapacidade cultural de compreender e aceitar o que pertence ao domínio do feminino. Esse é um tópico não seria facilmente resolvido, já que no texto *A questão da análise leiga: conversas com uma pessoa imparcial*, Freud (1926/2019) volta a se referir à sexualidade feminina como um *dark continente* (continente obscuro). Mesmo ao realizar algumas investigações sobre o tema, Freud revela sua incapacidade — não por falta de competência, mas pela complexidade inerente ao assunto.

Em 1931, no texto *Sobre a sexualidade feminina*, Freud trata mais diretamente do feminino, e todas aquelas descobertas sobre as consequências da diferença anatômica dão lugar a uma intensa relação da menina com a mãe, relação que foi denominada como pré-edípica. Ele analisa de forma mais aprofundada a questão da feminilidade e do elemento ativo na atitude

da menina para com a mãe. Nessa discussão, Freud (1931/2019) aponta que a menina, principalmente se tiver algum menino por perto, reconhece a sua castração, o que também serve para afastá-la de sua mãe, que a colocou no mundo tão mal-aparelhada. Ela reconhece, portanto, a superioridade do menino, contudo, protesta contra esse estado no qual se vê como inferior e, para transpô-lo, ela tem três saídas: “a) a da interrupção da vida sexual como um todo; b) a de uma desafiadora acentuação da masculinidade; c) os primeiros passos para a feminilidade definitiva” (Freud, 1931/2019, p. 294). Dito de outra forma, ou ela renuncia à sexualidade, ou reivindica o pênis, ou aceita a feminilidade.

Maria Rita Kehl, no posfácio do livro *Amor, sexualidade, feminilidade*, intitulado *Freud e as mulheres*, apresenta de forma brilhante a ideia geral do texto *Sobre a sexualidade feminina*, apontando que tal texto “diz respeito a questões ligadas ao erotismo e ao gozo feminino (e os obstáculos sintomáticos a ele)” (Kehl, 2019, p. 361). Tal definição assinala que Freud já tentava, naquele momento, um rompimento com a lógica fálica, ensaiando algo que ia além da sexualidade regida inteiramente pela norma fálica e, portanto, masculina.

Em relação ao texto da conferência XXXIII intitulado *A feminilidade* (1933), Kehl (2019) diz que Freud “analisa a feminilidade como modo de a mulher habitar seu corpo, simbolizar sua castração e fazer da falta (de pênis) condição do desejo pelo homem” (p. 361). Nessa conferência, Freud (1933/2019) traz a questão de que a associação do conceito de ativo com o masculino e de passivo com o feminino não é psicológica, ou seja, não vamos necessariamente conseguir encontrar tal relação, já que ele mesmo diz que é muito difícil correlacionar tais elementos.

Outro ponto importante e que justifica a explicação apresentada por Kehl (2019), é o fato de Freud (1933/2019) ter dito que a psicanálise não tem interesse em responder o que é a mulher, mas se interessa em pesquisas que apontam para como ela se torna mulher. Sabendo disso, podemos cogitar que o psicanalista vienense já estava entendendo o que seria anunciado por Lacan (1972-1973/2008) futuramente: o fato de que a mulher deve ser tomada uma a uma, caso a caso; assim, há que se entender como a mulher que está em nossa frente na clínica se tornou mulher e se sustenta nesse lugar.

Freud (1933/2019) assinala, na conferência sobre a feminilidade, que a questão do feminino e do masculino não é orgânica assim como a bipartição sexual, mas uma construção subjetiva que, embora influenciada pela cultura, emerge da singularidade de cada indivíduo. Destarte, mesmo influenciado por sua época, ele reconhece que a ideia de passividade atrelada à mulher na relação sexual pode ser um tanto quanto equivocada. Ele também admite que a psicologia talvez não possa resolver o enigma da feminilidade; sugerindo que a arte, a vida e os poetas podem oferecer *insights* que a ciência ainda não alcançou. Além dessas recomendações freudianas, as contribuições lacanianas e os estudos contemporâneos continuam a expandir nossa compreensão do campo da feminilidade.

SUBLIMAÇÃO E FEMINILIDADE: UM DIÁLOGO PSICANALÍTICO ENTRE FREUD E LACAN

Assim como o feminino, a sublimação permeia toda a obra freudiana, sendo constantemente articulada às discussões sobre sexualidade e à canalização dessa energia para a criação e a ciência. Embora Freud não tenha explicitamente relacionado sublimação e feminilidade, é notável que ele enfrentou dificuldades semelhantes ao tratar de ambos os temas. A primeira aparição do termo sublimação na obra freudiana está relacionada às construções fantasiosas na histeria; tal fragmento pode ser encontrado no *Rascunho L* (Freud, 1897/2006), no qual ele fala sobre a histeria e suas defesas empreendidas contra a sexualidade, explicando que as construções fantasiosas tentam obstruir o acesso a lembranças dolorosas de origem sexual, de forma que as histéricas conseguiram sublimar a lembrança da cena de sedução vivida na infância. Com essa afirmação, ele destaca não só uma relação com a mulher, aqui representada pelas histéricas, mas a relação da sublimação com as questões da sexualidade.

A definição inaugural do conceito de sublimação em psicanálise pode ser encontrada no texto *Fragmentos da análise de um caso de histeria*, nele, Freud (1905/2006a) discute a ideia de que a sublimação é um processo no qual a energia psíquica, que em sua origem estaria vinculada à sexualidade, é redirecionada para outros objetos que não tenham a natureza sexual, “sua ‘sublimação’ destina-se a fornecer a energia para um

grande número de nossas realizações culturais” (p. 56). Freud vivia em um período vitoriano de grandes repressões, no qual as pessoas, sobretudo as mulheres, eram culturalmente obrigadas a renunciar à satisfação da pulsão, renunciar ao gozo, portanto, parece uma solução interessante que, ao invés de adoecer, a energia sexual pudesse ser redirecionada para realizações culturais que não seriam reprimidas.

Em geral, observamos na obra de Freud que as pulsões de origem sexual, que passam por um processo sublimatório, são redirecionadas para atividades culturalmente valorizadas, objetivos elevados e não egoístas, como ele nos fala no caso *Dora* (Freud, 1905/2006a). Apontamentos parecidos são feitos nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006b), quando ele diz que poderosos componentes para as realizações culturais são adquiridos em consequência do desvio das forças pulsionais sexuais de suas metas sexuais por um processo de sublimação.

Nesse texto de 1905, a sublimação ganha uma função protetora, ela protege o sujeito contra as manifestações violentas da pulsão que circula livre e caracterizaria uma vida sexual perversa. Freud (1905/2006b) nos diz que, no processo de sublimação, “excitações hiperintensas, provenientes de diversas fontes da sexualidade, encontram escoamento e emprego em outros campos, de modo que de uma disposição em si perigosa resulta um aumento nada insignificante da eficiência psíquica” (p. 225). Assim, é menos perigoso para o sujeito sublimar a pulsão sexual, pois, desse processo, decorre um aumento da eficiência psíquica e criadora. A sublimação se caracteriza não só como uma das fontes para a criação artística, mas também para as produções científicas. Em 1908, em uma discussão acerca dos sacrifícios impostos pela vida civilizada, restrições à vida sexual voltam a aparecer. Assim, diante de tais restrições, há que se encontrar outra forma para a satisfação da pulsão sexual, e nessa outra via, que é um processo sublimatório, a pulsão tem a “capacidade de trocar a meta originalmente sexual por outra, não mais sexual, mas psiquicamente aparentada a ela” (Freud, 1908/2020, p. 73).

Diferente do que se pensava inicialmente, que a sublimação era uma forma de dessexualização, com a discussão sobre o narcisismo (Freud, 1914/2006), observamos que a libido é mantida e que há, sim, uma dessexualização em relação ao objeto, mas não à pulsão, o sexual

se mantém na sublimação, ele está na origem dela. Nesse sentido, a intervenção do eu narcísico é necessária para que o não sexual possa satisfazer o sexual. Essa ideia se concretiza com o advento do texto *As pulsões e seus destinos* (Freud, 1915/2019), no qual a sublimação se torna um desses destinos; havendo satisfação pulsional, nesse processo, a libido ganha um novo redirecionamento para os objetos que a sociedade vai valorizar. Assim, o Ideal do Eu favorece o processo sublimatório, este, sendo um dos destinos da pulsão, evita a descarga direta da pulsão sexual.

Também no texto *O Eu e o Isso*, Freud (1923/2006) aponta o Eu como elemento necessário na mediação do processo sublimatório. Ao retirar a libido que era do objeto, o Eu a recolhe e a transforma em libido narcísica, investida no próprio Eu, futuramente, sobre os ditames do Ideal do Eu, essa libido poderá ser redirecionada para objetos socialmente valorizados.

No texto *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2020) mantém a ideia da importância da sublimação para os processos culturais, atribuindo-lhe uma função protetora contra o mal-estar que assola os seres humanos: “ela possibilita que atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas, ideológicas tenham um papel tão importante na vida cultural” (p. 347). A sublimação serve ao sujeito não pelo fato de impedir o sofrimento, mas por satisfazer sua pulsão de maneira que ele não seja incomodado pelos ideais culturais repressores. Na época em que escreveu esse texto, o sofrimento estava em torno da renúncia ao gozo da satisfação da pulsão, em função de uma vida com ideais virtuosos e coletivos. Havia uma figura paterna que funcionava como uma bússola, direcionando os ideais e articulando o desejo à lei. Esperava-se a ocultação da satisfação, o gozo tinha que ser velado.

Um novo direcionamento sobre a sublimação é concebido por Jacques Lacan. Suas concepções possibilitaram pensar a sublimação além da renúncia ao gozo e dos ideais repressores. Encontramos a maior discussão lacaniana acerca da sublimação em *O Seminário, livro 7* (Lacan, 1959-1960/2008) sobre a ética, que, para a psicanálise, não visa a adaptar o sujeito à moral sexual cultural, mas a expandir o universo da falta e a possibilitar que o sujeito possa se deparar com o seu desejo.

Lacan (1959-1960/2008) retoma a noção freudiana de *das Ding*, a Coisa, apresentada por Freud em 1895, para estabelecer um percurso visando a diferenciar o objeto da Coisa e, com base no texto da *As pulsões*

e seus destinos, a colocar a sublimação como algo que confere à pulsão uma diferença em sua satisfação. A sublimação revela a natureza da pulsão que não se satisfaz com algo natural e predefinido, “mas que tem relação com *das Ding* como tal, com a Coisa dado que ela é distinta do objeto” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 137). A Coisa é situada como o objeto para sempre perdido, que jamais será reencontrado, podendo ser reencontrado no máximo como saudade, mesmo assim, “não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer” (p. 68), ou seja, a Coisa é representada por outra coisa nos reencontros.

Outro conceito que surge nessa discussão é o “vazio”, em torno do qual fazemos um interminável circuito, numa infundável busca regida pelo princípio do prazer para reencontrar este mítico objeto, a Coisa. O vazio “designa justamente o lugar da Coisa” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 170), ele é um efeito, não está na origem, mas aparece como um “efeito da presença da Coisa, que, no entanto, só se apresenta como ausente” (Iannini, 2004, pp. 82-83). É em torno do vazio que o artista cria, trazendo à tona algo que é da ordem da novidade, que provoca um choque pela maneira que é disposto, apresentando-se assim como se fosse a Coisa. “No ato da criação, o que se cria é o não-ser, mas um não-ser que se propõe como ser. [...], o ato de criar cria o objeto, porém apresentando-o como se fosse a Coisa” (França Neto, 2007, p. 67).

Lacan (1959-1960/2008) diz que essa Coisa é o Real e o vaso do oleiro é um objeto que representa a existência do vazio, o qual é feito com as mãos a partir do nada, *ex-nihilo*. A sublimação não visa a elidir esse vazio, mas a sustentá-lo, a erguê-lo, isso permite que esse Real que é a Coisa possa ganhar forma na criação do artista, por exemplo. Diante dessa discussão sobre a diferença entre o objeto e a Coisa, e o vazio como lugar da Coisa, apresentamos a fórmula mais geral que Lacan (1959-1960/2008) nos dá da sublimação, a de que ela “eleva o objeto à dignidade da Coisa” (p. 137).

Como paradigma de sublimação que vincula a posição da mulher como *das Ding*, Lacan (1959-1960/2008) menciona o amor cortês, no qual a mulher ganha um valor de representação de *das Ding*. Lembrando que representar não é ser a Coisa. A mulher, no amor cortês, “não se transforma na coisa em si, mas a representa. Há aqui uma tentativa de identificar o objeto (mulher) com a Coisa. Segundo palavras de Lacan, dando ao

objeto estatuto de Coisa” (França Neto, 2007, p. 166). No *Seminário, livro 7*, Lacan (1959-1960/2008) fala do amor sem romper com essa ideia freudiana que está ligada ao narcisismo, mas, no *Seminário, livro 16* (Lacan, 1968-1969/2008), já munido de outros elementos teóricos, tais como o objeto *a*, a topologia e a lógica, “Lacan coloca o amor cortês como tentativa de ultrapassar o amor estritamente narcísico” (Metzger, 2017, p. 174).

Lacan (1966-1967/2017) retoma a discussão sobre a sublimação no seminário sobre *A lógica do fantasma*. Nesse texto, ele diz que é preciso, para abordar o tema da sublimação, introduzir primeiramente o termo *ato*, pois, a partir desse, é possível nos orientarmos no problema da sublimação. O ato “é um significante que se repete, ainda que apenas em um gesto [...] É a instauração do sujeito *enquanto tal*” (Lacan, 1966-1967/2017, pp. 215-216). Diante desse ato, Lacan ainda nos aponta que o correlato de desconhecimento, no sujeito, é a *Verleugnung*, o desmentido. “A saber, que o sujeito não se reconhece nunca em seu verdadeiro alcance inaugural, mesmo quando o sujeito é capaz, se posso dizer, de ter cometido esse ato” (p. 216).

Abordando o ato sexual, o discurso da igreja trazido por Lacan (1966-1967/2017) a esse respeito é o de que não se faz isso junto, a igreja prega que só se deve estabelecer relação sexual, ou ato sexual, se for para trazer ao mundo uma nova vida. Contudo, o ato sexual entendido pela igreja, conhecido como cópula, não é o ato de que Lacan fala, visto que ele se refere a uma impossibilidade de completude ao falar da impossibilidade da realização do ato sexual. O “ato sexual, poderá para nós se apresentar de uma maneira conforme ao pressentimento de Freud, a saber: realizável, mas apenas sob a forma da sublimação” (p. 418).

Ao falar sobre a posição do falo no ato sexual, Lacan (1966-1967/2017) nos diz que “é sempre por identificação à mulher que a sublimação produz a aparência de uma criação” (p. 238). Com base na citação, entendemos que se a mulher não tem o falo, ela pode ocupar um lugar privilegiado no amor, por oferecer aquilo que ela não tem. A mulher tem esse dom: o que ela põe na relação é algo que ela cria. O que acontece na sublimação é a criação de algo a partir do que não se tem, a partir da falta. Ao contrário do ato sexual, a estrutura da função sublimatória parte da falta, a obra é sempre a reprodução da falta, lembrando que “a obra da sublimação não é

de forma alguma forçosamente a obra de arte, ela pode ser muitas outras coisas ainda”, (p. 258), independentemente de qualquer que seja a falta.

Assim como no *Seminário, livro 7* e no *14*, Lacan (1968-1969/2008) também aproxima a mulher da sublimação no *Seminário, livro 16*. Ele chama a atenção para a questão da sexualidade feminina, apontando semelhanças com a Coisa, dando a esta um traço de mulher, indicando que “a Coisa, ela mesma, decerto não é sexuada. Provavelmente, é isso que permite que façamos amor com ela, sem ter a menor ideia do que é a Mulher como Coisa sexuada” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 224). A mulher, assim como a Coisa, não sabemos o que é, e só temos notícias disso pela via da representação. Há um furo no significante “Mulher”, que é também determinado pelo vazio.

Outro ponto destacado por Lacan (1968-1969/2008) é a configuração de vacúolo — como Lacan se refere à Coisa em alguns momentos —, forma de apresentar o furo próprio do gozo e a estrutura de borda típica à pulsão. Esse gozo de borda pode tornar-se equivalente ao gozo sexual. Logo, a relação da sublimação com o gozo como sexual trata de algo da ordem de uma anatomia do vacúolo, “presente no sexual e também na estrutura de borda, na pulsão” (Metzger, 2017, p. 176). É o objeto *a* que desempenha essa relação, ele faz cócegas por dentro da Coisa, por dentro de *das Ding*, e isso seria o mérito essencial de tudo o que chamamos obra de arte. Lembrando que o objeto tem mais de uma forma, como já apresentado em outros momentos do ensino lacaniano. A sublimação seria um esforço para permitir que o amor possa acontecer com a mulher.

A FEMINILIDADE NÃO É BELA: SUBLIMAÇÃO E O DESAFIO AO IDEAL FÁLICO

Partindo das perspectivas iniciais de Freud acerca da sublimação, juntamente com as ideias sobre o masculino como referência e a mulher como secundária, chegaríamos ao entendimento de que a mulher não possui capacidade para sublimar. Isso se dá pelo fato de que as mulheres não se submetem à lei moral, tal como os homens, “como consequência que são da inexistência da angústia de castração — produziriam uma marcante fragilidade da instância psíquica do supereu” (Birman, 2016,

p. 201). Essa instância se constitui ao final do Édipo como seu herdeiro, como aquele que cobra o cumprimento e submetimento à lei moral. Tal fato, atrelado a um fraco interesse social e ao limitado senso de justiça decorrente da força que a inveja tem em sua vida anímica, leva Freud (1933/2019) a dizer que, na figura da mulher, a “capacidade para a sublimação pulsional é menor do que nos homens” (p. 340). Isso não significa que tal afirmação se sustente ainda hoje.

A figura da mulher sempre foi temida em função do perigo que apresenta à civilização, segundo Birman (2016), essa ideia de mulher perigosa é algo que se oferece como uma potencialidade no ser feminino, algo latente e que, portanto, não se trata de uma exceção no gênero, está implícito em todas as mulheres. Como condição subjetiva da mulher, essa periculosidade “poderia explodir a qualquer momento sob a forma de violência e de erotismo, pela forma da atuação e pela passagem ao ato, ameaçando sempre o tecido constitutivo dos laços sociais” (p. 202). O que vemos com essa proposição é uma questão de desconhecimento, ou impossibilidade mesmo de conhecer o que é próprio da feminilidade, da mulher que não pode ser nomeada, já que “‘Mulher’ é essa palavra, única em seu gênero na língua, cujo ponto de referência faz falta” (Pommier, 1987, p. 33). Essa palavra não remete, segundo o autor, a nada que seja próprio à feminilidade.

Até esse momento, falamos muito mais do feminino (*Weiblich*), mas mesmo pelo termo feminilidade (*Weiblichkeit*), mencionado em outros momentos como no texto *A análise finita e infinita*, Freud (1937/2019) nos possibilita ter uma dimensão mais ampla sobre o estatuto do feminino. A feminilidade não deve ser identificada à sexualidade feminina que se contrapõe à masculina, ambas regidas pela norma fálica, a feminilidade está articulada com o desamparo humano, assim, afeta tanto os homens quanto as mulheres.

Essa conceituação do final da obra freudiana, assim como as contribuições lacanianas acerca dos modos de gozo, o gozo feminino, enigmático, apresentadas no *Seminário, livro 20*: mais, ainda (Lacan, 1972-1973/2008) e no texto *O aturdido* (Lacan, 1972/2003), ampliam a maneira como pensamos o estatuto do feminino, bem como possibilitam o entendimento das possíveis articulações entre o gozo feminino e a sublimação.

Nas duas referências citadas acima, Lacan nos apresenta a correlação de duas fórmulas lógicas, as quais resumem tudo que acontece no complexo de Édipo, pautado não apenas na dimensão fálica, mas trazendo à baila o gozo Outro, o gozo feminino, que vai além da norma fálica. A fórmula da sexuação é uma formalização lógica lacaniana que contribui para retirar o masculino e o feminino do campo estritamente biológico, pois essa lógica não caracteriza aspectos anatômicos, mas posições subjetivas. Os elementos lógicos encontrados na parte superior do quadro da sexuação, que pode ser conferido no *Seminário, livro 20, mais ainda* (Lacan, 1972-1973/2008, p. 84), são: o \exists (existe), o x (uma incógnita), o ϕ (falo simbólico), o \forall (para todo). No quadro da sexuação, mesmo que tenha um lado representando o masculino e outro, o feminino, a divisão do sujeito não se dá entre os sexos, mas entre dois gozos, um todo fálico e o outro *não todo* fálico. Diante dessa lógica, todo ser falante que está no lado masculino é regido inteiramente pela norma fálica e está submetido à lei da castração, todos estão dentro de uma mesma lógica, o ser posicionado no lado feminino, em função de ser *não todo* submetido à norma fálica, deve ser considerado um a um, caso a caso. Assim, Lacan (1972-1973/2008) diz que “A” mulher não existe; nessa frase, o artigo definido é um quantificador universal que significa “para todo”.

Essa inexistência da mulher revela uma fragilidade da feminilidade que carece de identificações para ser representada, diante dessa necessidade que visa a tapar o vazio da Coisa, ao qual podemos aproximar a feminilidade, uma invenção sublimatória pode ser o caminho. Como não existe um conjunto para toda mulher, a lógica que rege o lado feminino é a lógica do *não todo*, ela não está toda submetida à norma fálica, por isso, seu gozo é Outro. “Há uma incompletude fundamental do ‘ser mulher’, não permitindo qualquer categorização das mulheres. O *não todo* do lado feminino caracteriza o *Heteros* — ‘outro’, em grego. A lógica do *não todo* é a lógica da Heteridade” (Quinet, 2012, p. 68). Ainda sobre o Heteros, ele designa “um Outro gozo, sem borda, inominável, imprevisível, inabordável. É um gozo impossível de ser apreendido pela linguagem e não se refere a um conjunto de significantes” (p. 69).

Pensando por essa lógica, como a mulher é Outra para si, para os homens e também para outras mulheres, em função de encarnarem o

gozo Outro, esse gozo *Heteros*, diferente, o que se tenta barrar não é somente a feminilidade, mas também esse gozo desconhecido. Tentam contê-lo, tentam eliminá-lo, assim como a feminilidade assusta e ameaça a civilização, o seu gozo Outro, que não pode ser de fato domado, também é causa de horror. Portanto, existem “diversas formas de rejeitar a existência do gozo Outro, como segregar, calar, excluir e, inclusive, tentar torná-lo igual, o Mesmo, através do mecanismo da assimilação — são todas práticas de racismo” (Quinet, 2012, p. 73). Toda segregação ou racismo que acompanhamos ao longo da história, no que se refere à mulher, ou à feminilidade, é uma tentativa, regida pela lógica totalitária do Um, de conter a feminilidade e seu gozo. Essa necessidade de que todos sejamos iguais impede que a diferença radical possa ser mostrada, e a Heteridade permite isso, pois ela “é o estado aberto à diferença mais radical: diferença de gozo que corresponde à categoria do impossível — de ser escrito, de ser previsto, de ser prescrito, pois, por definição, é sempre Outro, tão Outro que é real” (p. 74).

O real que é o impossível está marcado pelo horror na experiência psíquica da feminilidade (Freud, 1937/2019) não apenas em função do desconhecimento do gozo feminino, mas por colocar em xeque as questões subjetivas regidas pelo referencial fálico. A feminilidade está na origem, em um momento mítico da constituição subjetiva, ela é “o originário do sexual por excelência. Daí poderiam advir o ser homem e o ser mulher, derivações desse fundamento feminino que marcaria para sempre a sexualidade” (Birman, 1999, p. 105). A feminilidade não se perde nas armadilhas do falo, ela é anterior à instauração desse elemento que visa a totalidade.

Segundo Birman (1999), a feminilidade está articulada ao desamparo humano, pois os dois são herdeiros do real, tanto a feminilidade quanto o desamparo afetam o sujeito de maneira tão incisiva que o deixa completamente sem defesa, tendo que contar com o amparo do outro, das divindades, da ciência, entre outros. Esses dois elementos estão na origem da constituição subjetiva, naquele momento ainda caótico das pulsões à deriva, sem a organização fálica para ancorar o monismo sexual, sem a onipotência narcísica. Assim, a feminilidade revela a fragilidade, a incompletude, a insuficiência humana, essas formas primordiais que

tornam o sujeito um sujeito desejante, já que a incompletude aponta a necessidade de buscar um objeto que possa suturar tal fenda.

Freud (1937/2019) enuncia a feminilidade como eixo fundamental do erotismo, ela seria o originário do sexual e, para se proteger do desamparo que a feminilidade produz, tanto homens quanto mulheres, horrorizados com a experiência da feminilidade, ancoram-se nos atributos fálcos. A feminilidade e o desamparo são marcas estruturais no ser humano, e a fenda que caracteriza a incompletude humana estará sempre lá, independentemente dos ardis e das promessas fálcos de completude. Mesmo que se tente encobrir tal fenda com os atributos fálcos, algo dessa incompletude e desse desamparo humano sempre se revela, e é contra essa revelação, é contra a feminilidade que as sexualidades masculina e feminina se organizam, elas são regidas pela lógica do ter/não ter e do ser/não ser, todavia, no registro da feminilidade, não existe o falo para o sujeito. A feminilidade revela a imperfeição que a ordem fálca pretensamente tenta encobrir.

Apontando a definição de sublimação como algo que estabelece um novo objeto para a satisfação pulsional, Birman (1999) nos diz que “se a feminilidade é a condição de possibilidade do erotismo, isso também é a condição de criatividade para a subjetividade” (p. 171). Assim, a sublimação também seria possibilitada pela feminilidade. Em 1915, Freud anuncia a sublimação como um dos destinos da pulsão, o que promoveria uma passagem direta da pulsão sexual para a criação, sem o intermédio do recalque. Inicialmente esboçado no texto sobre Leonardo da Vinci (1910), encontramos, em 1915, um pensamento que retifica as ideias freudianas iniciais acerca da sublimação. A mudança de objeto ocorre, contudo, sublimar não é dessexualizar. “A sublimação e o erotismo são derivações de Eros, afirmações da vida e maneiras de tornar a existência possível e suportável” (Birman, 1999, p. 171).

A sublimação apresentada por Birman (2016) é também definida a partir da noção de sublime e não pela noção de belo, retomando uma distinção feita por Burke e posteriormente por Kant. O sujeito realizaria, pela sublimação, uma ação sublime com as forças pulsionais, criando, para elas, destinos possíveis. As criações subjetivas realizadas pela sublimação “romperiam com as fronteiras estritas estabelecidas pelo belo” (p. 240).

Tudo que já foi apresentado como adjetivo do falo, podemos traduzir também como adjetivos para o belo, dado que este, na experiência psicanalítica, é representado pelo falo, que condensa as ideias de completude, de perfeição, de brilho, de atividade. A sublimação, buscando um novo objeto pulsional, rompe com o belo fálico, ultrapassa esses limites, podendo se realizar no campo do sublime. Assim, uma ação nobre, desligada dos interesses pessoais, é o que representa uma *ação sublime*, que vai além do belo e do falo. Birman (2016), baseado nas ideias kantianas de ação sublime e da feminilidade como uma experiência psíquica original, propõe a feminilidade como uma *sublime ação*, que “iniciaria as potencialidades humanas para erogeneidade e para a experiência da criação, na qual se reconheceria implicitamente que a subjetividade seria, pois, imperfeita, incompleta, inconclusa e finita” (pp. 242-243).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo explorou a forma como a mulher tem sido historicamente representada, destacando a influência dos aspectos sociopolíticos de cada época sobre essa construção e sobre as concepções freudianas acerca da feminilidade. Nosso objetivo foi examinar a complexa relação entre feminilidade, sublimação e subjetividade, desde as primeiras ideias de Freud até as reformulações teóricas de Lacan.

Identificamos que, embora Freud estivesse imerso nos valores culturais de seu tempo, ele conseguiu contribuir significativamente para o campo psicanalítico ao desafiar a noção de que as identidades de gênero são determinadas biologicamente, propondo que ser homem ou mulher é, na verdade, uma construção subjetiva. Inicialmente, Freud vinculou a sublimação às defesas históricas, predominantemente femininas, destacando sua função de proteção contra pulsões desorganizadas que necessitam de uma ancoragem para se estabilizar. A sublimação, portanto, já desde o início, está profundamente conectada ao sexual.

Lacan expandiu essa discussão ao aproximar a sublimação do feminino em várias de suas obras. Ao resgatar o conceito freudiano de “*Das Ding*” (a Coisa), Lacan teoriza que tanto a sublimação quanto a feminilidade estão relacionadas a algo indefinível e não natural. A

mulher, segundo Lacan, representa essa “Coisa” no contexto do amor cortês, onde o amor transcende o narcisismo.

A análise do percurso freudiano para desvelar o “continente obscuro” da feminilidade trouxe contribuições importantes ao campo da psicanálise, especialmente ao revelar que o que define o masculino e o feminino não é a biologia, mas sim uma construção subjetiva. Isso reforça a ideia de que o interesse da psicanálise não reside em definir o que é a mulher, mas em compreender como ela se torna mulher e como se sustenta nesse lugar. A feminilidade, portanto, não se alinha ao belo, mas ao sublime. Ela é temida e incompreendida precisamente por não poder ser completamente nomeada ou simbolizada; ela escapa a uma definição precisa, permanecendo como uma herdeira do real e ligada ao desamparo humano, elementos que são estruturais tanto para homens quanto para mulheres.

Consequentemente, podemos afirmar que, assim como a feminilidade, a sublimação é uma capacidade de lidar com a imperfeição e a incompletude inerentes à condição humana. A sublimação se revela como um ato sublime de transformação da negatividade em algo produtivo e criativo, ampliando os horizontes do Heteros, ou seja, da diferença. Esse processo é fundamental para a construção da subjetividade e para enfrentar a finitude e a incompletude que caracterizam a experiência humana.

Apesar das valiosas contribuições deste estudo, há limitações que devem ser consideradas. A complexidade dos conceitos discutidos, como feminilidade, sublimação e o real, pode exigir uma análise mais profunda e diversificada, que inclua outras perspectivas teóricas além das de Freud e Lacan. Além disso, o enfoque predominantemente teórico poderia ser enriquecido por estudos empíricos que investiguem como essas dinâmicas se manifestam na prática clínica contemporânea.

Para pesquisas futuras, seria interessante explorar as implicações clínicas das relações entre feminilidade e sublimação, investigando como essas dinâmicas operam em diferentes contextos culturais e sociais. Além disso, uma análise comparativa entre a abordagem psicanalítica e outras abordagens terapêuticas sobre esses temas poderia oferecer novas perspectivas e enriquecer o campo clínico.

Os resultados deste estudo são particularmente relevantes para o campo clínico, pois proporcionam uma compreensão mais profunda

das dinâmicas subjetivas relacionadas à feminilidade e à sublimação. Entender a sublimação como uma forma de lidar com a incompletude e a feminilidade como uma dimensão do sublime pode ajudar os profissionais a abordarem questões de identidade de gênero e criatividade de forma mais sensível e eficaz. Ao reconhecer a feminilidade como uma força subversiva e criativa que desafia a lógica fálica e abraça a diferença, os clínicos podem apoiar melhor seus pacientes na construção de subjetividades que aceitem e transformem suas próprias imperfeições e limites.

REFERÊNCIAS

- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. São Paulo: editora 34.
- Birman, J. (2016). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- França Neto, O. *Freud e a sublimação: Arte, ciência, amor e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- Freud, S. (2006). Rascunho L. In S. Freud, *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 297-300). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).
- Freud, S. (2006a). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Um caso de histeria: Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1901])
- Freud, S. (2006b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Um caso de histeria: Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006). O Eu e o Isso. In S. Freud, *O Eu e o Isso e outros trabalhos: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2019). As pulsões e seus destinos. In: S. Freud, *As pulsões e seus destinos: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 14-69). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2019). O declínio do complexo de Édipo. In: S. Freud, *Amor, Sexualidade, Feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 247-257). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924).

- Freud, S. (2019). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: S. Freud, *Amor, Sexualidade, Feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 259-276). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2019). A questão da análise leiga: Conversas como uma pessoa imparcial. In: S. Freud, *Fundamentos da clínica Psicanalítica: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 205-313). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2019). Sobre a sexualidade feminina. In: S. Freud, *Amor, Sexualidade, Feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 285-311). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2019). A Feminilidade, (Conferência XXXIII). In: S. Freud, *Amor, Sexualidade, Feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 313-345). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2019). A análise finita e infinita. In: S. Freud, *Fundamentos da clínica Psicanalítica: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 315-364). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (2020). A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna. In: S. Freud, *O mal-estar na cultura e outros escritos: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 65-97). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In: S. Freud, *O mal-estar na cultura e outros escritos: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 305-410). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930).
- Iannini, G. (2004). “O olho negro das favas”: exercício de estética lacaniana. In Iannini, G. Safatle, V. Rocha, G. M. Pinto, J. M. (Orgs.) *O tempo, o objeto e o avesso: Ensaios de filosofia e psicanálise* (pp. 75-91). Belo Horizonte: Autêntica.
- Kehl, M, R. (2019). Freud e as mulheres. In: S. Freud, *Amor, Sexualidade, Feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 353-370). Belo Horizonte: Autêntica.
- Lacan, J. (2003). O Atordido. 3 Ed. In: J. Lacan: *Outros Escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972).

- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1968-1969).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 20: mais, ainda*. 3a ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1972-1973).
- Lacan, J. (2017). *A lógica do fantasma*. 3a ed. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife. (Trabalho original proferido em 1966-1967).
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lima, T. C. S. de, & Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(spe), 37-45. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Metzger, C. (2017). *A sublimação no ensino de Jacques Lacan: Um tratamento possível do gozo*. Universidade de São Paulo.
- Pommier, G. (1987). *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Jorge Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, Elisabeth. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.